

Dr. Jeffrey Niehaus, Teologia Bíblica, Sessão 9, A Nova Aliança

© 2024 Jeffrey Niehaus e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Niehaus em seu ensinamento sobre Teologia Bíblica. Esta é a sessão 9 sobre a Nova Aliança.

Chegamos agora à Nova Aliança, que, como a entendemos, é a aliança final, a aliança culminante no programa especial de graça.

É a única aliança especial de graça restante que funciona. E então, vamos olhar para isso. Já falamos sobre isso, mas primeiro vamos olhar para Jesus como um profeta mediador da aliança e o contexto disso. Esta é apenas uma rápida recapitulação das coisas que vimos.

Ele é o profeta que foi prometido em Deuteronômio 18, o profeta como Moisés. Como indicamos, para ser um profeta como Moisés, ele teria que ser um profeta mediador de aliança com uma nova aliança com a Torá para todas as pessoas, nova Torá, novo acordo para todas as pessoas. E então é isso que Jesus era unicamente.

Então, ele é o profeta que foi prometido. Ele media a aliança que foi prometida. Jeremias 31, como falamos, é a predição dessa aliança.

É uma nova aliança. Não é uma aliança de renovação porque Jeremias 31 nos diz, isso não será como a aliança que fiz com seus antepassados quando os tirei do Egito. E uma aliança de renovação é certamente como a aliança que ela renova.

Então, essa é uma nova aliança, um novo acordo, um novo sacerdócio, por exemplo. Então Hebreus diz, você sabe, onde há uma mudança de sacerdócio, tem que haver uma mudança de lei. Então é um acordo totalmente novo.

E falamos sobre isso em vários aspectos. Ezequiel 43, a promessa do único pastor, Davi, falamos sobre isso, ou seja, os amados. Ele cuidará deles.

Ele será o pastor deles. Eu, o Senhor, serei o Deus deles. Meu servo Davi será príncipe entre eles.

Eu, o Senhor, falei. Esta aliança que está chegando, que será mediada por este novo Davi, também é chamada de aliança de paz. E agora entendemos o significado disso porque isso vem através do novo Davi, Jesus, o amado, que transmite aquela paz que o mundo não pode dar.

Ezequiel 37, meu servo Davi será rei sobre eles. Eles seguirão minhas leis, terão o cuidado de guardar meus decretos, e assim por diante. Eu farei minha aliança de paz com eles.

Será uma aliança eterna. E isso, de fato, é uma aliança eterna. Como dissemos, a nova aliança é a única aliança eterna.

É o que realmente dura para sempre. E eu colocarei meu santuário entre eles para sempre. Em particular, nós somos seu santuário.

Então, ele está entre nós. Ele está em nós para sempre. As nações saberão que eu, o Senhor, santifico Israel quando meu santuário estiver entre eles para sempre.

O resultado disso na dinâmica da vida do crente é que podemos ter o amor de Cristo. E assim, Jesus diz, as pessoas saberão. Vocês são meu povo, meus discípulos, por causa do amor que demonstram.

Bem, Jesus então é o mediador da aliança. E quanto à carreira dele? Estudiosos, estudiosos do Novo Testamento têm falado sobre a questão, bem, o que é, nós temos os Evangelhos. Eles parecem ser bastante únicos na historiografia da época.

Onde encontramos algo parecido com eles? Porque eles não são meramente biografias; eles são mais do que isso. Meredith Kline, que lecionou em Gordon-Conwell antes, foi meu mentor, sugerindo que o gênero Gospel é realmente o outro exemplo disso, a carreira de Moisés, e nós o encontramos em Êxodo. E eu acho que ele está certo.

Porque o gênero Evangelho é em parte biografia, mas é a biografia de um mediador da aliança por meio de quem Deus faz sinais e maravilhas para libertar seu povo e estabelecer uma presença no templo entre eles. É assim que eu o articulo em termos do paradigma principal. Mas é isso que acontece aqui.

E então, desenvolvi esse paralelo, que acho que tem algum mérito. Se olharmos para esses dois livros e os compararmos, em ambos os casos, você tem o nascimento. Em ambos os casos, você é submetido à perseguição.

Voltaremos a isso. Em ambos os casos, há transporte da perseguição. E há fuga do perigo real, isto é, o rei.

Em ambos os casos, você tem um rei tentando matar, efetivamente, o mediador da aliança. Você tem um retorno após o voo de volta ao povo de Deus. Você tem a identidade do profeta esclarecida.

Moisés está deixando claro quem ele é e o que ele vai querer que ele faça. Essa identidade é claramente estabelecida em Mateus. Há seguidores que são chamados.

Há sinais e maravilhas iniciais. A lei é dada na montanha, no monte do, o Sermão da Montanha. Jesus basicamente redefine a lei.

Ele rearticula isso. Ele mostra a você o que realmente envolve. Ele dá suas próprias instruções.

E então você obtém, subsequentemente, mais instruções e sinais e maravilhas. Há uma transfiguração, ou há uma experiência como aquela na montanha, em ambos os casos. Certamente, há uma instituição de aliança.

Há uma refeição de ratificação da aliança. Falamos sobre isso no caso da Última Ceia. É proléptico.

É antecipar, simbolicamente, que este é meu sangue da aliança. Ainda não foi derramado, mas será muito em breve. E há uma consagração do templo.

Falamos sobre o paralelo entre a sessão do tabernáculo do Senhor e sua vinda em Atos 2 no Pentecostes. E então há a presença contínua do Senhor. Então, uma ou duas coisas para notar aqui, e em particular, acho que vale a pena olhar para o que acontece com esse negócio aqui.

Agora, quando Herodes dá a ordem de matar todas as crianças de dois anos ou menos, de acordo com a data que ele apurou dos sábios que vieram até ele, ele fica perturbado. Por quê? Ele fica perturbado porque ele era aquele que nasceu para ser rei. Bem, ele é rei.

E então, naturalmente, ele sente que sua realeza está ameaçada. E então, ele faz o que faz. Ele mente e diz, volte. Diga-me onde ele está para que eu possa ir e adorá-lo também.

Claro, eles não voltam. Ele fica furioso. Eles são avisados por um anjo para voltar para casa por outra rota.

E então, ele dá ordens para matar todas as crianças. Seu alvo é especificamente aquele que nasceu. Ele não entende que este será o mediador de uma nova aliança com um tipo muito diferente de reino que não ameaça o seu como um reino político de forma alguma.

Ele não entende isso. Mas ele está motivado a proteger sua autoridade estabelecida. E então, ele mata.

O alvo está em sua mente, essa pessoa. Quando o faraó dá essa ordem, ele não tem ideia de que a pessoa que pode ser morta entre todas as crianças do sexo masculino que seriam mortas seria o mediador de uma aliança. Ele não está pensando nesses termos de forma alguma.

Ele só pensa, olha, eles vão se multiplicar, e eles vão ser uma ameaça para nós. Então, vamos matar os machos. Podemos usar as mulheres como quisermos.

Nós mataremos os machos. Mas ele está, na verdade, mirando em Moisés porque, afinal, Moisés é um deles, e sabemos que ele é resgatado disso. Eu sugeriria que as digitais do diabo estão por todas essas coisas.

O faraó pode não saber que o alvo entre os alvos é aquele que mediará uma aliança para o povo de Deus como parte de seu programa redentor para Israel e então para o mundo. Ele não sabe disso. Mas o inimigo sabe.

E então, eu acho que o Faraó aqui, o Faraó como a encarnação do deus sol, como a personificação de uma religião falsa, ele é movido por forças que ele nem entende que existem. E ele faz o que faz. Mas é um paralelo interessante porque, em ambos os casos, o alvo é um mediador da aliança.

E em ambos os casos, é claro, falha. O Senhor cuida das coisas, e os esforços para destruir o futuro mediador da aliança, esses esforços falham. E isso tem ramificações mais amplas, eu sugeriria.

Mencionamos um pouco a ideia do sacrifício de crianças, e em nossos dias, o aborto não é alheio a isso. Tudo isso remonta a Gênesis 9, onde a declaração é, qualquer um que derramar sangue humano pelo sangue do homem terá seu sangue derramado porque Deus fez o ser humano à imagem de Deus. Então a imago Dei, a imagem de Deus, é a razão pela qual matar ou assassinar um ser humano, como nesses casos, e como no caso do sacrifício de crianças, é tão sério.

Isso é bem diferente daquelas coisas que, sob a antiga aliança, eram questões de justiça que o Senhor ordenou, talvez pena de morte para certas coisas. Essa é uma questão bem diferente. E então, deixo para você refletir.

Isso é algo para se pensar sobre a questão do aborto em nosso próprio país. Obviamente, há forças enormes trabalhando para manter e até mesmo aumentar e expandir os direitos das pessoas de fazer abortos ou até mesmo condenar pessoas à morte agora, em legislação recente em alguns estados, depois que a criança nasce. E então, eu apenas digo que o Senhor nos leva muito a sério.

E isso remonta à aliança de Noé. Então, esse é um princípio incorporado na graça comum. Ele se aplica em todo o mundo, e o Senhor o leva a sério porque fomos feitos à sua imagem.

E é verdade hoje, certo? Era verdade naqueles dias depois da queda. É verdade em nossos dias, como diz Tiago, amaldiçoamos pessoas que são feitas à semelhança de Deus. Ainda somos de alguma forma à imagem de Deus.

Podemos ter caído, mas ainda estamos na imagem dele, e ele leva isso a sério. Então, essas coisas têm ramificações mais amplas do que podem parecer inicialmente às vezes. Bem, o profeta mediador da aliança, como indicamos, está frequentemente envolvido em guerra.

Isso foi verdade para Moisés, e é verdade para Jesus também. Há unção profética que continua. Lembre-se, Davi foi ungido, e então ele saiu e travou guerra.

Até mesmo Saul foi ungido, e então ele foi e travou guerra. Bem, Jesus é ungido. Ele é batizado por João e o Espírito Santo vem sobre ele.

E ele realmente tinha o espírito sem limites. Nenhum de nós pode dizer isso. Eu queria que pudéssemos, mas não podemos, mas ele fez.

Depois daquela guerra, depois daquela unção, ele sai, e há guerra. Então, ele é tentado pelo diabo no deserto. Seu ministério é guerra.

E vale a pena entender, também, que é isso que o ministério cristão é. Se o Senhor está usando a mim ou a você ou a mim ou a qualquer um no verdadeiro ministério, se o Senhor está trabalhando, isso significa de uma forma ou de outra que o reino das trevas está sendo afastado. Ele está sendo conquistado.

Está sendo atacado. Está sendo diminuído. Então, se você está pregando a palavra de Deus, se você está ensinando, se você está orando por alguém e eles são curados, se você está aconselhando e com a ajuda do aconselhamento eles são ajudados a superar o pecado em suas vidas, entender melhor, adorar melhor o Senhor.

Tudo isso é guerra. E o inimigo não gosta disso. O inimigo não quer ceder terreno.

Então, realmente há guerra. Pessoas envolvidas em ministério cristão genuíno podem ser atacadas de várias maneiras. Vale a pena pensar nisso também.

De qualquer forma, Jesus teve a guerra depois de sua unção. E falamos sobre Davi e Saul. E isso meio que expõe.

Davi é ungido. Então ele profetiza. Ele profetiza sua própria libertação de Golias.

E ele trava essa guerra inicialmente lá com Golias. Saul antes dele foi ungido. Ele foi e profetizou com os profetas.

E então ele travou guerra. Então, com Saul e Davi, você tem profecia e guerra. A guerra é muito real.

Como a Nova Versão King James traduz, Mateus 11, desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus sofre violência, e os violentos o tomam pela força. É traduzido de diferentes maneiras. Mas uma maneira de entender isso pode ser que envolve guerra.

À medida que o reino avança, há aqueles que são violentos em relação a ele. Certamente envolve perseguição. Como Jesus diz, vocês são abençoados quando as pessoas os insultam, perseguem e falsamente dizem todo tipo de mal contra vocês por minha causa.

Alegrem-se e sejam felizes porque grande é a sua recompensa no céu. Pois da mesma forma perseguiram os profetas que foram antes de vocês. Bem, qual é a natureza dessa guerra? Certamente pode ser espiritual.

Quando Jesus está fazendo libertação, ele a caracteriza dessa forma. Quando um homem forte, totalmente armado, guarda sua própria casa, suas posses estão seguras. Então, o homem forte é o espírito maligno e a pessoa.

A pessoa é a casa do espírito maligno. E o espírito maligno tem a pessoa. Mas quando alguém mais forte o ataca e o domina, ele tira a armadura em que o homem confiava e divide os despojos.

Então, isso é usar terminologia militar humana para ilustrar o aspecto de guerra do ministério de libertação. Efésios 6, Paulo faz o, bem, isso é tudo que tenho lá, mas sabemos do que isso está falando. Efésios 6, Paulo diz que nossa guerra não é contra carne e sangue, mas contra os poderes celestiais, você sabe, as autoridades e governantes nos lugares celestiais.

Todos os termos usados ali também são usados para autoridades humanas, já que ele diz que nos reinos celestiais, entendemos que ele está falando sobre guerra espiritual. E então isso é algo para entender também. Você e eu, como cristãos, qualquer serviço que possamos estar fazendo para o Senhor, eu acho que mesmo pelo fato de pertencermos ao Senhor, mesmo até certo ponto pelo fato de sermos feitos à imagem de Deus, o que o inimigo odeia, nós vamos sofrer ataques do inimigo de uma forma ou de outra.

E então, é bom estar ciente disso. Não é nada, eu acho, para se ter medo, mas é bom estar ciente disso e orar sobre isso. A guerra da igreja em geral, para não falar simplesmente da guerra individual, a guerra da igreja assume uma forma missional.

Missões são uma forma de guerra. Eu tracei esse paralelo, que me interessa bastante, e acho que a razão pela qual me tornei sensível a isso foi, na verdade, por ler anais assírios, onde os reis assírios relatam como eles iam para um lugar, acampavam, então eles seguiam em frente, travavam guerra, ganhavam uma vitória, seguiam em frente, acampavam, travavam guerra, ganhavam outra vitória, e assim por diante. Então, é um tipo de relato de itinerário.

Nos anais deles, você tem isso em Josué também. Josué é ungido e nomeado; ele recebe essa comissão para conquistar, e então com Josué 3 e assim por diante, você começa a ter a conquista. Ele vai de um lugar para outro e conquista.

Com Paulo, você obtém a mesma coisa. Paulo está viajando em suas jornadas missionárias de um lugar para outro, conquistando, isto é, estabelecendo igrejas. E então é um tipo legal de paralelo, sugestivo do fato, novamente, de que aqui você tem guerra militar por causa da forma do reino.

Você está estabelecendo um estado. Aqui, você tem guerra espiritual, o que significa trazer pessoas para o reino e plantar igrejas. Então, a guerra militar avançou, e com Atos, a guerra espiritual avançou de um local de conquista para outro.

Bem, e quanto à consagração do templo? Nós falamos um pouco sobre isso em termos da igreja e assim por diante, mas vamos olhar para isso novamente agora em termos de Jesus. Ele é ungido. Essa é sua unção profética, comparável ou remanescente, talvez, de Davi. O Espírito vem sobre ele, e então ele é capaz de funcionar como rei.

Claro, o Espírito vinha a ele todos os dias. No caso de Jesus, ele tem o Espírito sem limites o tempo todo. Mas ele é ungido, e ele sai e faz a obra do reino.

Pentecostes, então, o Espírito vindo a ele para que ele possa fazer a guerra do reino, a obra que acontece conosco também. Isso é antecipado por Jesus. E assim, assim como notamos antes com o Tabernáculo Mosaico e o Templo Salomônico, o Espírito vindo e enchendo o templo, e isso sendo caracterizado como o Senhor colocando seu nome ali, sua presença ali, isso acontece conosco.

E então agora somos templos do Espírito, assim como ministros do Espírito, como Jesus foi. Jesus era um templo do Espírito, e ele também era um guerreiro missionário no poder do Espírito. Lembre-se, Jesus disse, destrua este templo, e eu o reconstruirei em três dias.

E ele estava se referindo ao templo do seu corpo. Bem, Jesus é a primeira pessoa a ser chamada de templo. Posteriormente, do Pentecostes em diante, os crentes podem ser chamados de templos porque, novamente, um templo é onde Deus vive.

Então é isso que somos, e por causa disso, podemos travar o tipo de guerra que somos chamados a travar na nova forma do reino. E então este templo do qual estamos falando é análogo a Jesus. E assim como ele ministrou pelo poder do Espírito, nós podemos ministrar pelo poder do Espírito.

É por isso que, é claro, usamos a linguagem do tabernáculo ou templo. A palavra se fez carne e tabernaculou entre nós, literalmente. Sabemos que se o tabernáculo ou tenda terrestre em que vivemos for destruído, temos um edifício de Deus, uma casa eterna no céu.

Enquanto estamos nesta tenda, gememos sob o fardo porque queremos estar perto de nossa morada celestial, e assim por diante. Pedro fala sobre, enquanto eu viver na tenda deste corpo. Então, nós somos os tabernáculos, ou nós somos os templos vivos, se preferir, o templo de pedras vivas.

E sua vida certamente envolve santificação, assim como ser modelado segundo Jesus no ministério e perseguições. Então, quanto ao templo individual, acho que isso é algo realmente importante para entender também. Eu estava conversando com um aluno recentemente sobre a importância de quando você ora.

É uma coisa boa convidar o Espírito Santo para vir e apenas trazer à mente coisas que precisam ser trazidas à mente e sobre as quais ele quer que você ore. Todos nós temos um inventário de pecados que cometemos, e isso pode fazer bem. Quem sabe, como o Espírito pode trazê-los à mente, precisamos efetivamente nos arrepender de cada um e pedir perdão. Talvez se pensarmos que Deus fez algo que nos machucou ou machucou um ente querido, nós o deixamos escapar.

Às vezes digo, perdoe a Deus. Deus não precisa ser perdoado, mas precisamos deixá-lo fora do gancho. Há todo tipo de maneiras pelas quais, em oração, podemos trabalhar esse processo de santificação, que é ser mais parecido com ele.

Sei por experiência que o Senhor honra isso. Ele fará uma obra espiritual em você e em mim à medida que nos comprometemos seriamente a fazê-la com ele. Mas é ele quem tem que fazê-la.

Temos que convidá-lo para nos capacitar a fazer isso. Mas isso é parte da santificação. Isso é parte do privilégio de pertencer a ele.

E quanto ao templo corporativo? Qual é sua natureza? Bem, o templo corporativo é habitado pelo Espírito. Sabemos disso. Não somos apenas templos individualmente,

mas Paulo também pode escrever à igreja de Corinto, dizendo que vocês são o templo de Deus.

E se alguém destruir isso, Deus o destruirá. Seu arquiteto e construtor é Cristo. E nele, como lemos em Efésios, todo o edifício é unido e se levanta para se tornar um templo santo no Senhor.

E assim, porque é o único Espírito que está em ação, ele produz unidade. Ele é quem nos chama para diferentes ofícios. E ele é quem nos capacita a administrar os dons que ele nos dá.

Este pode não ser um lugar ruim para dizer algo sobre os dons e os frutos, porque eles são muito diferentes. Pessoas do reino pentecostal e carismático, e eu sou perfeitamente simpático a tudo isso. Eu vi o Senhor fazer algumas coisas maravilhosas, curando pessoas e outras coisas.

Mas é fácil ficar deslumbrado com os dons. Mas lembre-se, Paulo escreveu aos coríntios, vocês não têm falta de nenhum dom. E, no entanto, esta era realmente uma igreja muito imatura e problemática.

Sabe, um homem tem a esposa de seu pai, eles são partidários, e assim por diante. Então, há uma diferença entre os presentes e o fruto. Eu compararia os presentes a uma caixa de ferramentas.

Eles são maravilhosos. Eles ajudam você a fazer o trabalho do reino. Mas, no fim das contas, o que o Senhor busca é o fruto, o seu desenvolvimento e o meu à semelhança de Cristo.

E é isso que o fruto do Espírito envolve. Então esse é o verdadeiro objetivo. Essa é a coisa mais importante.

Bem, no final das contas, é claro, isso vai levar à questão do templo escatológico. E nós olhamos para isso há muito tempo, mas vamos olhar novamente aqui porque é aqui que vai acabar. Ezequiel 47 tem essa visão onde você tem água fluindo do templo.

E ao longo deste rio, você tem essas árvores crescendo, e as folhas não vão murchar, os frutos não vão falhar, e assim por diante. João, em Apocalipse 22, eu apresentaria muito paralelismo aqui, com um pouco mais de definição e um pouco mais de refinamento, de acordo com o princípio de que, à medida que você obtém certas coisas reveladas e reafirmadas na Bíblia, você obtém mais clareza, obtém mais definição. Mas é a mesma coisa.

Ele está vendo essa presença escatológica do Senhor. E como mencionamos, isso nos remete à situação no Éden, onde temos uma descrição muito simples. Você tem o rio fluindo do jardim, e você tem a árvore da vida.

Então, como falamos sobre isso antes, essa seria uma das evidências que apontaria para a ideia de que o Éden era um templo. E então, haverá esse cumprimento escatológico disso, no entanto. E então, como os estudiosos às vezes gostam de dizer, paralelos de visão final ou à vista.

Então, o que foi perdido no Éden agora vai ser estabelecido novamente. Você vai ter a presença do templo. Você vai ter o rio, e você vai ter a árvore da vida, você vai ter vida eterna, você vai ter fruto, fecundidade. Enquanto isso, no já não ainda, digamos, há um análogo para isso.

Então, Jesus diz em João 7, quem crê em mim, como a escritura disse, rios de água viva fluirão de dentro dele. Com isso, ele quis dizer o Espírito que aqueles que creram nele mais tarde receberiam. Até aquele momento, o espírito não havia sido dado, pois Jesus ainda não havia sido glorificado.

E então, assim como eu sugeriria que as folhas são para cura em Apocalipse 22, no entanto, isso acontece, assim também, você e eu somos, nós somos para dar frutos, e nós somos para ser fontes de cura para outras pessoas também. Eu acho que há uma analogia aí. A escatológica, a realidade final, porém, é que você tem esse rio da água da vida fluindo do trono de Deus no Cordeiro, e se você continuar lendo essa passagem, você lê que não há mais necessidade de um templo, porque Deus no Cordeiro, o Senhor, é um templo, o que parece muito difícil de entender, eu acho.

Mas talvez isso sugira que, digamos, os panteístas que querem pensar que Deus está em tudo, eles estão no caminho certo, mas de uma forma distorcida. De fato, Deus sustenta tudo pela palavra do seu poder, como lemos em Hebreus 1. Mas, além disso, em última análise, aparentemente, escatologicamente, tudo estará nele. Ele será o templo cósmico, universal, e todos nós estaremos presentes nele.

E eu realmente não sei como isso vai parecer ou como será, mas posso garantir que será bom porque ele é bom. Então, e os novos céus e a nova terra? Uma coisa importante para entender aqui, eu acho, também, é que estamos falando sobre fisicalidade real aqui. Às vezes, as pessoas vão se referir ironicamente a essa visão do céu como, bem, você está em uma nuvem, e você tem uma harpa dourada, e isso não seria chato, apenas tocar harpa pela eternidade? Sabe, eu não acho que seja isso.

É uma nova terra. Isso significa Terra. Vai ser, eu acho, você sabe, como Anthony Hoekema escreveu em um de seus livros sobre a imagem de Deus, quando estivermos lá, não vai ser totalmente desconhecido.

Acho que vai haver uma semelhança. É uma nova terra. Quem sabe que obras o Senhor terá para nós lá? E essa é outra coisa, se eu puder apenas injetá-la aqui.

Você ouvirá teólogos falando sobre o Sabbath eterno. Bem, Hebreus nos diz que um descanso sabático permanece para o povo de Deus, mas é importante entender o que isso significa porque a analogia é com o Sabbath que o Senhor teve no final da criação, certo? Então, naquele sétimo dia, ele descansou de seu trabalho. Bem, o que funciona? As obras da criação.

Mas ele continuou trabalhando, sustentando o universo, injetando-se na história, fazendo coisas. Jesus diz, meu pai trabalha até hoje, e eu também. Então, da mesma forma, você e eu, quando estivermos lá, descansaremos de nossas obras terrenas. Descansaremos de um certo tipo de trabalho, mas isso não significa que não haverá outro trabalho para nós, e tenho certeza de que será maravilhoso.

Mas então, será uma terra real. Quem sabe que obras nos aguardarão? Mas veremos. A natureza, a natureza física dos novos céus e terra, está enraizada na profecia do Antigo Testamento.

Isaías 65, às vezes chamado de evangelho do Antigo Testamento, tem muitas razões, as profecias messiânicas, esse tipo de coisa também. Eu criarei novos céus e uma nova terra. As coisas anteriores não serão lembradas, nem virão à mente, e assim por diante.

E então, o Senhor vai fazer isso. Vai ser uma nova humanidade e novos céus e nova terra. E então, já temos um antegozo dessa nova humanidade.

Paulo diz, se alguém está em Cristo, ele é uma nova ktisis, uma nova criação, uma nova criatura. As coisas velhas já passaram. Todas as coisas se tornaram novas.

E então em Apocalipse 21, eu vi um novo céu e uma nova terra, e assim por diante. E então, através do primeiro Adão, digamos, ou envolvendo o primeiro Adão, nós tínhamos céu e terra, e nós tínhamos humanidade na aliança adâmica. Bem, com a aliança feita pelo segundo Adão, nós temos uma nova humanidade, e nós vamos ter um novo céu e uma nova terra.

Então, muito paralelismo aí. A nova terra vai ser física, e então quando você lê Isaías 11, você pode pensar, bem, isso é tudo linguagem figurada aqui. O lobo viverá com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o bode, o bezerro e o leão e o novilho juntos, uma criança pequena os guiará, e assim por diante.

Acho que temos uma justificativa para pensar que, não, realmente vai haver essas coisas. Afinal, se você se lembra de Apocalipse 22, haverá plantas, haverá essas

árvores, então por que não animais? Então, certamente, isso pode ser entendido figurativamente; haverá um tempo de grande paz universal, mas pode ser uma coisa literal também. Ou seja, haverá animais.

Não vou tão longe a ponto de dizer que seria como um desenho animado da Walt Disney, onde você tem ursos andando por aí conversando com você e coisas assim, sabe, mas quem sabe do que eles serão capazes, mas acho que podemos esperar animais. Você tem esse terreno do templo retratado, e aqui novamente, falamos sobre as plantas físicas. Isaías 11 indica plantas e animais físicos. Haverá uma Jerusalém celestial, e isso parece ter alguma fisicalidade sobre isso também, a menos que se tome tudo como puramente simbólico.

Então, no Antigo Testamento, você tem essa cidade celestial. Ela vai ser uma cidade de joias, e então em Isaías 45 vemos isso, eu te construirei com pedras de turquesa, suas fundações com safiras, ameias de rubis, portões de joias brilhantes, e assim por diante, para onde as nações trarão sua prata e ouro. Alguém pode olhar para esse tipo de profecia e dizer, bem, esta é uma maneira materialista do Antigo Testamento de retratar a ideia de que de toda esta nova terra, as pessoas trarão tributo, elas honrarão o Senhor, elas o adorarão.

Quem sabe? Pode, no entanto, haver esse tipo de coisa. Pode ser figurativo, pode ser literal, mas, novamente, ainda estamos falando de uma terra real. O Senhor será sua luz, Isaías 24:23, e a lua ficará envergonhada, o sol envergonhado, o Senhor Todo-Poderoso reinará no Monte Sião e em Jerusalém e diante de seus anciãos gloriosamente.

Nós falamos sobre isso antes, mas vamos voltar a isso por um momento, gloriosamente. O termo hebraico é apenas um substantivo, glória, e pode ser tomado como um uso adverbial, gloriosamente, tudo bem. Mas eu acho que provavelmente o significado básico do substantivo é a melhor maneira de tomá-lo, glória.

O ponto é que neste tempo, quando isso acontecer, quando isso, Isaías 24, sobre o qual falamos há muito tempo quando falávamos sobre a aliança de Noé, quando isso for realizado, todo pecado será tratado, tudo será eliminado, e, portanto, o Senhor pode estar presente entre seu povo sem nada no meio. Não há mais necessidade de nuvens escuras ou algo assim, nenhuma teofania de tempestade. Ele estará lá em sua glória irrestrita, e, ao contrário do povo ao pé do Sinai, seremos capazes de suportar isso.

Nós ficaremos bem com isso porque estaremos sem pecado, e o pecado que causaria, que nos devastaria em sua santa presença, terá desaparecido. E então, ele, a glória do Senhor, a glória plena do Senhor será capaz de estar lá diante de seus

anciãos e parte pelo todo diante de todo o seu povo. Ele será capaz de estar lá, e é assim que será.

Então, e claro, é o ministério do Filho que leva a tudo isso. Isaías 60, prevendo da mesma forma. Seu Deus será sua glória, o Senhor será sua luz eterna, e assim por diante.

Vemos isso cumprido ou retratado como sendo cumprido em Apocalipse. Mas falamos sobre a cidade das joias em Isaías, então temos a mesma coisa então em Apocalipse 21. Teremos essa cidade das joias, suas fundações dessas joias, e assim por diante.

Os diferentes portões, 12 pérolas, a cidade tem ruas de ouro, e assim por diante, para onde as nações trarão seus tributos, assim como em Isaías. Em Apocalipse 21, temos coisas semelhantes às que vimos em Isaías. O Senhor será sua luz.

A mesma coisa aqui é basicamente o que vimos em Isaías: a cidade não precisa do sol ou da lua para brilhar sobre ela para a glória de Deus dar-lhe luz e sua lâmpada. O cordeiro é sua lâmpada. Então, eu acho que é bastante difícil, dado que temos isso em Isaías, e é repetido em Apocalipse. É bastante difícil tomar tudo isso como algum tipo de linguagem figurativa.

Parece-me que estamos falando de coisas reais aqui. Então, o Senhor, talvez possamos colocar desta forma: o Senhor começou com uma Terra física, e o inimigo mexeu com isso. O Senhor o deixou mexer com isso, mas isso não significa que o Senhor deixou seu propósito ser derrotado, e ele tem que fazer algo totalmente diferente. Então, a percepção de fato é paralela à visão da Terra .

O Senhor vai restaurar todas as coisas, e então teremos uma terra, ela terá fisicalidade, e eu acho que há muito o que esperar lá. Bem, se então nos voltarmos e considerarmos o que faz com que tudo isso seja realizado, a nova aliança, isso também pode ser bem articulado, eu acho, pelo que chamamos de paradigma principal. Deus trabalha por seu Espírito.

O Espírito vem sobre Jesus em seu batismo. Ele tem o Espírito sem medida. Esse Espírito opera através dele.

Ele é um profeta. Todo o seu ministério é guerra. Ele resulta no estabelecimento de uma aliança com o povo, que nos estabelece como povo de Deus.

E, claro, então ele estabelece um templo entre seu povo. Neste caso, o templo é a igreja, o templo de pedras vivas, e, individualmente, os membros dela. E o objetivo final é que ele não apenas residirá em nós agora, mas também residirá entre nós.

Então, se fizermos uma pequena recapitulação aqui para considerar de onde viemos e para onde tudo isso vai, nós submetemos que Deus tem um programa de aliança aqui. A visão clássica da teologia da aliança é que com a aliança adâmica ou da criação, você tem uma aliança de obras. Então, tudo depois disso se torna uma aliança de graça porque ninguém pode fazer a obra.

E nós argumentamos que todas as alianças envolvem obras e todas elas são dádivas gratuitas. Então, essa não é uma caracterização útil. Você pode se lembrar também de que a aliança noaica é uma aliança de graça comum.

Na verdade, ele renova a aliança da criação. Todas as outras são alianças de graça especial. Essa construção obscurece isso.

Então, não é muito útil. Além disso, no mundo antigo, ninguém juntava um monte de alianças díspares, embora até relacionadas, e as chamava de uma aliança. Então, não é um uso útil do termo.

Não é um uso do termo que seja consistente com a maneira como a Bíblia o usa. John Walton reconhece que a aliança noaica é uma aliança de graça comum, então ele a distingue. Mas então ele também agrupa um monte de alianças, todas as alianças de graça especial que ele agrupa e chama de aliança.

Entre outras coisas, isso falha em reconhecer o fato ou levar em conta o fato de que essas alianças especiais de graça, a aliança abraâmica não funciona mais, a aliança davídica não funciona mais, e a aliança mosaica não funciona mais como uma aliança. Elas vivem, você pode dizer, na nova aliança com Cristo como o Davi, o Rei. E mesmo que, como Paulo diz, não estejamos sob a lei, e ainda assim cumprimos a lei porque temos o espírito.

E ainda assim, em Colossenses 2, Cristo cancelou a lei. Ele a pregou na cruz. E, novamente, você não pode se tornar um membro da aliança abraâmica porque a circuncisão é descartada como um sinal da aliança.

Você pode ser circuncidado e pensar que é um membro da aliança abraâmica, mas isso não está acontecendo. É o que Paulo deixa bem claro. Então, isso não leva em conta o fato de que você realmente só tem uma aliança de graça especial acontecendo.

de Dumbrell de que todas essas alianças reconfirmam relacionamentos existentes, o que eu acho que exagera o caso, também levanta problemas. Um dos exemplos que ele usa, por exemplo, é que a aliança de Josué com os gibeonitas é um exemplo do fato de que é da natureza de uma aliança que ela reconfirme um relacionamento existente. Bem, esse não é um exemplo muito bom, na verdade, é? Os gibeonitas não tinham praticamente nenhum relacionamento com os hebreus.

Eles os estavam enganando. Fingiam ser de muito longe. E assim, sem consultar o Senhor, os hebreus fizeram uma aliança com eles, e então descobriram que eram de perto.

Então, alianças não necessariamente confirmam relacionamentos existentes. Na verdade, tipicamente, uma aliança traz o vassalo para um novo relacionamento. O relacionamento de Israel com o Senhor, uma vez que eles entraram na aliança Mosaica, era diferente do que era antes.

Uma vez que eles entraram naquela aliança, e o Senhor ofereceu a eles, você quer fazer isso ou não, eles fizeram. Então eles tinham toda essa lei que eles tinham que obedecer. Eles tinham esse sistema de sacrifício.

Eles não tinham nada disso antes. Então, pactos não confirmam relacionamentos existentes. Pode haver um relacionamento anterior de algum tipo, mas o pacto o leva a um novo nível.

Isso, se me permite divagar um momento, é verdade para o casamento. Vocês estão noivos. Vocês têm um certo relacionamento.

Mas uma vez que você se casa, uma vez que você entra nessa aliança de casamento, Malaquias caracteriza o casamento como uma aliança. Uma vez que você entra nisso, o relacionamento toma um novo nível, com novos privilégios e novas responsabilidades. E então, não é um bom entendimento.

Mas a ideia de que as alianças confirmam relacionamentos existentes, no pensamento de Dumbrell, é harmoniosa, então consoante com a ideia de que, bem, todas as alianças realmente envolvem um relacionamento porque todas elas estão renovando algum relacionamento existente ou confirmando-o. Isso simplesmente não é verdade para a imagem. Scott Hafeman, em seu livro, *The God of Promise*, pensa a mesma coisa.

Mas nós falamos sobre isso, mas isso é uma recapitulação. A melhor visão aqui é, eu acho, que temos um programa de redenção, empregando arranjos de aliança sucessivos. Então, você tem uma aliança de graça comum, a Adâmica e a Noéica.

Juntos, eles formam um pacote legal, e eles fornecem uma plataforma global ou um contexto, um mundo, um planeta, no qual os pactos especiais da graça podem vir a existir e funcionar. Os pactos especiais da graça, então, são propriedade de Israel, historicamente, e eles são mais de um. E assim, Paulo, em Romanos 9, diz de Israel, o povo de Israel, deles é a adoção como filhos.

É aqui que ele está lamentando que eles não tenham recebido Cristo. Há a glória divina, as alianças, indicando claramente que há mais de uma aliança, o recebimento da lei, a adoração no templo e as promessas. E também mencionamos, antes de Efésios 2, as alianças da promessa.

As alianças da promessa são as alianças especiais da graça, a Abraâmica, e então as que ela antecipa, a Mosaica, a Davídica e a Nova. A Mosaica, como dissemos, é pedagógica em direção ao Novo. Ela antecipa o Novo.

O davídico prenuncia o Novo. Jesus é, de fato, o prometido Davi que está envolvido sob a aliança davídica. E o Novo cumpre e assume em si tudo o que foi requerido ou esperado ou prometido nas alianças especiais de graça anteriores.

Bem, vamos encerrar isso com algumas reflexões sobre a lei e a Nova Aliança, porque é importante entender essa distinção, e especialmente, talvez, importante para nossa vida em Cristo e ministério apreciar o que está acontecendo em Romanos 7. Se você ler a NIV, verá que o título desta seção, Lutando contra o Pecado, é bem ambíguo. Mas é muito comum que os cristãos pensem, bem, é assim que a vida é. Eu diria, não, não é isso que se quer dizer.

Não foi isso que se pretendia com a Nova Aliança. Então olhamos para isso. Romanos 7, 1 a 6, Paulo diz: Vocês não sabem, irmãos? Pois falo a homens que conhecem a lei, que a lei tem autoridade sobre o homem somente enquanto ele vive.

Por exemplo, por lei, uma mulher casada é ligada ao marido enquanto ele estiver vivo. Mas se o marido morrer, ela é liberada da lei do casamento. Então, se ela se casar com outro homem enquanto o marido ainda estiver vivo, ela é chamada de adúltera.

Mas se o marido dela morrer, ela está livre daquela lei e não é adúltera, mesmo que se case com outro homem. Então, meus irmãos, vocês também morreram para a lei por meio do corpo de Cristo. Então, entenda o paralelo aqui.

O marido da mulher morre, então ela está livre. Mas nesse sentido, ela morreu para ele. Ele não é mais uma realidade viva para ela, então ela está livre para se casar novamente.

Então, irmãos, vocês morreram para a lei por meio do corpo de Cristo, para que vocês pudessem pertencer a outro, àquele que foi ressuscitado dentre os mortos, a fim de que pudéssemos dar fruto para Deus. Pois quando éramos controlados pela natureza pecaminosa, a carne, isto é, em grego, as paixões pecaminosas despertadas pela lei estavam em ação em nossos corpos para que demos fruto para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que antes nos prendia, fomos libertados da lei, para que possamos servir na nova maneira do espírito e não na velha maneira da letra.

Então, os paralelos aqui são o paralelo do casamento, da morte e da lei. O marido morre, ela é libertada da lei do casamento, e você morreu para a lei através do corpo de Cristo. Isso pode parecer uma maneira retrógrada de juntar tudo, mas acho que o ponto é que quando o marido morre, como eu disse, a mulher, na verdade, morre em relação ao homem.

Ela está morta para o casamento, e não está mais. E é isso que é verdade conosco com a lei quando entramos em Cristo. E então, e isso significa que há o paralelo do novo casamento. Ok, então vamos ver aqui, sim.

E então, o que isso significa em termos da antiga e da nova aliança? Bem, como dissemos, a nova então não pode ser uma renovação da antiga porque este é claramente um casamento diferente. É um acordo totalmente novo. Deixe-me apontar outra coisa aqui também, nesta declaração. As paixões pecaminosas despertadas pela lei estavam trabalhando em nossos corpos.

É importante entender aqui que dissemos que a lei era pedagógica; ela tinha o propósito de levar Israel a reconhecer sua necessidade de Cristo, e isso é verdade. Uma das maneiras pelas quais ela fez isso, porém, a dinâmica envolvida nisso é esta. Como Paulo diz em Romanos 7, você sabe, antes que a lei fosse dada, a cobiça não era um grande problema para mim.

Mas uma vez que a lei foi dada, todo tipo de cobiça surgiu em mim. E daí ? Bem, a lei mostra o pecado como ele realmente é. E essa é a natureza da lei.

Ela provoca o próprio pecado, por causa da nossa natureza pecaminosa, que ela proíbe. Isso acontece no mundo caído. Lembro-me de quando eu era estudante, tinha um colega de classe que tinha, ele e sua esposa tinham acabado de comprar um filhote de labrador preto, e eles não queriam que o filhote viesse para o carpete da sala de estar.

Então, ele me contou uma noite, ele estava sentado lá em uma poltrona lendo um livro na sala de estar, e o cachorrinho estava na cozinha bem na soleira do carpete. E quando o cachorrinho pensa que ele não está olhando, o cachorrinho começa a invadir o carpete. É ilegalidade, pessoal.

Está embutido nos seres caídos. Eles têm uma lei, e querem transgredi-la. É exatamente isso, e esta é uma arma nas mãos do inimigo.

É assim que em Colossenses 2, Paulo pode se referir a isso como se fosse uma arma, uma lei que se levantava contra nós. Porque quando o Senhor deu isso, ele deu uma arma nas mãos do inimigo, e o inimigo a usou para pecar em nós. É por isso que Paulo pode falar sobre as paixões pecaminosas despertadas pela lei.

Isso remonta ao Éden. Foi exatamente isso que aconteceu no Éden. Eles tinham um comando negativo: não deveriam comer essa fruta.

Foi isso que a serpente usou para derrubá-los. Então essa é a natureza. Claro, nesse caso, eles não caíram.

Eles poderiam ter dito não, mas não disseram. Mas essa é a natureza da lei. Ao revelar essa natureza pecaminosa em nós, a lei mostra o que somos e nos mostra nossa necessidade de Cristo.

Gálatas 3 e 4 estão relacionados a isso. Então, aqui é onde falamos sobre a lei ter uma função pedagógica para nos levar a Cristo. Então, a lei foi um pedagogo para nós para Cristo, para dentro de Cristo.

Era para nos levar a Cristo. E então, o que isso significa? Bem, como Paulo diz, antes que a fé viesse, antes da nova aliança, antes da fé em Cristo que poderia nos libertar disto, éramos mantidos prisioneiros pela lei, trancados até que a fé fosse revelada. E então, a vida sob a lei é, em certo sentido, uma escravidão, e é por isso que ele pode descrevê-la assim em Gálatas 4. O que estou dizendo é que, enquanto o herdeiro for uma criança, ele não é mais diferente de um escravo.

Isto é, estamos falando aqui sobre a pessoa sob a aliança Mosaica, embora ela seja dona de toda a propriedade. Ela está sujeita a tutores e curadores até o tempo determinado por seu pai. Assim também, quando éramos crianças, estávamos em escravidão sob os princípios básicos do mundo, a stoicheia aqui.

Mas, quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a plenitude dos direitos de filhos. Porque vocês são filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, o Espírito que clama: Aba, Pai. Assim, você não é mais escravo, mas filho, e, sendo filho, Deus também o tornou herdeiro.

Paulo fala sobre estar sujeito a guardiões e curadores. Ele caracteriza isso como estar em escravidão aos princípios deste mundo, princípios básicos. Isso é muito consistente com Romanos 7. Você faz o que sabe que é errado, mas não consegue evitar, e assim por diante.

Como falaremos aqui brevemente, esses princípios básicos, como são chamados aqui, são um termo que poderia, no mundo helenístico e greco-romano, envolver espíritos. E isso pode sugerir, também, que sob a lei, sem o poder do espírito, você está sujeito à tentação do inimigo também, para quebrar a lei, e não há muito que

você possa fazer sobre isso na maior parte do tempo. Às vezes, é claro, você pode obedecer à lei.

Às vezes, mais frequentemente do que não, de uma forma ou de outra, você o quebra. E se voltarmos ao Sermão da Montanha, é claro, você o quebra em seu coração com muita frequência. Então, é uma situação sem esperança.

Portanto, se uma lei tivesse sido dada que pudesse transmitir vida, então a justiça certamente viria pela lei. Mas a Escritura declara que o mundo inteiro é prisioneiro do pecado para que o que foi prometido, sendo dado pela fé em Jesus Cristo, pudesse ser dado àqueles que creem. Então, o mundo é prisioneiro do pecado, e o mundo inteiro inclui aqueles sob a lei.

E isso é consistente com o que Paulo diz em Romanos 7. Quando éramos controlados por nossa natureza pecaminosa, éramos presos; éramos prisioneiros. Sob a nova aliança, se fomos unidos a ele assim em sua morte, da qual o batismo é uma representação simbólica, não deveríamos mais ser escravos do pecado. O pecado não será seu mestre porque você não está sob a lei, mas sob a graça.

Então , a lei desperta a consciência do pecado em nós e até dá ao inimigo, eu diria, uma ferramenta contra nós. É a lei que se levantou contra nós, como Paulo diz em Colossenses 2. E então, a lei, nesse sentido, dá oportunidade para aqueles stoicheia , aqueles princípios básicos do mundo. É importante notar, também, que não eram aqueles sob a lei que eram filhos de Deus.

Isso remonta, na verdade, a onde a primeira frase ocorre. Gênesis 6, onde os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram tov, boas, justas, e eles pegaram quantas quiseram. Isso parece ser um bando de maus atores, sejam eles anjos caídos ou antigos reis do Oriente Próximo ou Setitas , ou qualquer escola de pensamento que você queira aderir. Eles não estão fazendo algo bom.

Mas filhos de Deus, argumentamos, biblicamente, é um terminus technicus , um termo técnico. Significa aqueles que são feitos filhos de Deus ou filhos de Deus por algum ato especial de criação. Entendido dessa forma, refere-se a anjos e anjos somente no Antigo Testamento, Jó 1 e 2, por exemplo, assim como Gênesis 6. E refere-se àqueles que se tornam filhos ou filhos de Deus ao receber o Espírito Santo, uma nova criação.

Eles nascem de novo. Eles são novas criações. Adão, criado por Deus, foi o primeiro filho de Deus na genealogia de Lucas.

Para que tudo se encaixe. Mas então, as pessoas sob a lei não eram assim porque o Senhor cuidou delas como seus filhos e assim por diante, mas elas nunca são

chamadas de filhos de Deus. Nós na Nova Aliança, no entanto, podemos ser chamados assim porque somos novas criações.

Somos atos especiais de recreação de Deus. E então, ele pode se referir a nós como filhos. Deus enviou o espírito de seu Filho aos nossos corações, e também não somos mais escravos.

Agora somos filhos. É importante entender aqui, concluindo, que sendo esse o caso, temos uma obrigação, mas não é para a natureza pecaminosa viver de acordo com ela. Pois se você viver de acordo com a natureza pecaminosa, você morrerá.

Mas se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis. Porque os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não recebem um espírito que os escravize novamente para temer, mas recebem o espírito que os torna filhos de Deus.

Por ele, clamamos, Abba, Pai, e assim por diante. Então, o ponto aqui é este: o ponto de aplicação, e talvez seja bom terminar em um ponto de aplicação. Nós que somos templos individuais do espírito, templos corporativos do espírito, nós que somos filhos ou crianças de Deus por uma nova criação, temos essa habilidade, essa potencialidade que eles nunca tiveram na antiga aliança, que ninguém teve depois da queda, e que em certo sentido nem mesmo Adão, que não tinha o espírito habitando nele, tinha.

Mas certamente, essa é uma grande diferença entre nós sob a nova aliança e as pessoas sob a antiga. Podemos fazer morrer as obras do corpo, da carne, como Paulo diz, pelo poder do espírito. Ou como ele diz em Romanos 6, o pecado não precisa ser seu mestre porque você não está sob a lei, mas sob a graça.

E então, eu aconselharia a não tomar a descrição de Paulo em Romanos 7, que é eu, certo? O mal que eu não quero fazer, eu faço, e assim por diante. Eu diria que é um eu retórico. E está descrevendo a vida sob a lei, que Paulo conhecia muito bem. Mas ele está dizendo que não é mais assim que você tem que viver.

Você não é impotente diante do pecado. Dito isso, digamos que você é uma pessoa que recentemente veio ao Senhor. Bem, você está trazendo muita bagagem. Todos nós trazemos.

Eu vim ao Senhor quando estava em um programa de doutorado, eu tinha 27 anos. Então, há muitas coisas, muitas atitudes antigas e coisas das quais eu tive que me livrar gradualmente, conforme o espírito trabalhava em mim e me ajudava. Mas eu lembro que naqueles primeiros dias, eu olhei para mim mesmo e pensei, olha, ainda tem todas essas coisas erradas.

Então, como eu entendo isso? E então eu li Romanos 7. E eu pensei, ah, bem, se até o grande Paulo teve esse problema, então eu não me sinto tão mal. Mas eu li Romanos 6 e 8. E eu pensei, não, isso simplesmente não se encaixa. Você sabe, Paulo não pode estar aconselhando os romanos a um nível de vida mais elevado do que ele próprio está experimentando.

Ele não pode estar dizendo a eles, oh, eu não consigo evitar o pecado, Romanos 7. Mas para eles, o pecado não precisa ser seu mestre porque você não está sob a lei, mas sob a graça. Não, esse é o princípio. Você não está sob a lei, mas está sob a graça.

Então é isso. Mas ainda assim, você vem ao Senhor. Você traz coisas com você. Vai demorar um pouco até que você se mova mais e mais para a liberdade do Espírito sobre a qual você leu em Romanos 8. Você pode fazer morrer as obras da carne pelo poder do Espírito.

Leva tempo. É santificação. Então, Romanos 7 nos fala sobre o homem sob a lei.

Ela nos conta sobre como pode parecer para um crente primitivo. Você sabe, você se afasta gradualmente disso. Mas não descreve a vida do cristão.

Então, temos uma vida melhor à nossa frente do que essa. Temos promessas melhores cumpridas em Cristo e a dinâmica da vida sob a nova aliança. E, claro, isso realmente cumpre a antiga promessa abraâmica.

Podemos delinear o paralelismo desta forma: como Paulo diz, a bênção dada a Abraão pode vir aos gentios por meio de Cristo Jesus para que pela fé possamos receber a promessa do Espírito. Então, a bênção dada a Abraão é a promessa do Espírito que vem aos gentios; nós a recebemos por meio de Cristo pela fé. E assim, Paulo pode dizer em Efésios 1.13, vocês também foram incluídos em Cristo quando ouviram a palavra da verdade, o evangelho da sua salvação, tendo crido, vocês foram marcados nele com um selo, o Espírito Santo prometido.

E assim, vemos o cumprimento da antiga promessa abraâmica. E esse é nosso privilégio sob a nova aliança. E isso conclui nossos comentários.

Então, obrigado pela atenção.

Este é o Dr. Jeffrey Niehaus em seu ensinamento sobre Teologia Bíblica. Esta é a sessão 9 sobre a Nova Aliança.